

**O TRABALHO INFANTIL NA PERSPECTIVA DE GÊNERO NA LITERATURA
INTERNACIONAL: UMA REVISÃO DE ESCOPO**

**CHILD LABOR FROM A GENDER PERSPECTIVE IN INTERNATIONAL LITERATURE:
A SCOPING REVIEW**

**EL TRABAJO INFANTIL DESDE UNA PERSPECTIVA DE GÉNERO EN LA LITERATURA
INTERNACIONAL: UNA REVISIÓN EXPLORATORIA**



10.56238/revgeov17n1-106

Jaiane Freitas Branco

Mestranda em Ambiente e Saúde

Instituição: Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)

E-mail: jaianepsico@uniplaclages.edu.br

Orcid: 0000-0003-1706-648X

Lattes: lattes.cnpq.br/4533403318660606

Mareli Eliane Graupe

Doutora em Educação e Cultura

Instituição: Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)

E-mail: prof.mareli@uniplaclages.edu.br

Orcid: 0000-0003-1376-7836

Lattes: lattes.cnpq.br/8925934554152921

Andreia Biolchi Mayer

Doutora em Biologia Animal

Instituição: Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)

E-mail: andreia.mayer@uniplaclages.edu.br

Orcid: 0000-0001-7668-489X

Lattes: lattes.cnpq.br/6643827260327033

Dalvan Antônio de Campos

Doutor em Saúde Coletiva

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

E-mail: dalvandecampos@uniplaclages.edu.br

Orcid: 0000-0001-6914-1184

Lattes: lattes.cnpq.br/2272195512817044

RESUMO

O trabalho infantil é um problema global que envolve crianças e adolescentes em atividades laborais abaixo da idade mínima legal de cada país, que viola direitos fundamentais além de comprometer seu desenvolvimento integral. No mundo, estima-se que 152 milhões de crianças estejam nesta situação, incluindo 64 milhões de meninas e 88 milhões de meninos. A COVID-19 expôs lacunas na proteção infantil no mundo e demonstrou a necessidade urgente de estratégias para erradicação do trabalho



infantil. O objetivo foi investigar na literatura nacional e internacional as publicações acerca do trabalho infantil e as diferenças de gênero, a partir da Pandemia da Covid-19. O método utilizado foi a revisão de escopo, com busca sistemática em quatro bases de dados, Biblioteca Virtual em Saúde-BVS, Scopus, Scientific Electronic Library Online – SciELO e PubMed, com os descritores "child labor", "early work", "gender", "gender identity" a partir da pandemia da COVID-19 (2020 a 2024). Foram identificados um total de 335 artigos nas bases de dados, após o processo de seleção, conforme o manual do Joanna Briggs Institute (JBI), foram incluídos 18 na revisão. A produção científica concentrou-se majoritariamente no continente asiático, seguida pela África, Américas e Europa. Os resultados indicam a permanência de uma divisão sexual do trabalho infantil, com predominância de meninas em atividades domésticas e meninos em espaços públicos, além de evidenciarem lacunas na literatura quanto a abordagens interseccionais que integrem gênero, raça, etnia e classe social, fundamentadas em uma perspectiva crítica e de direitos humanos.

Palavras-chave: Trabalho Infantil. Gênero. Covid-19.

ABSTRACT

Child labor is a global problem that involves children and adolescents engaged in work activities below the minimum legal working age established in each country, constituting a violation of fundamental rights and compromising their overall development. Worldwide, it is estimated that 152 million children are in this situation, including 64 million girls and 88 million boys. The COVID-19 pandemic exposed gaps in child protection systems globally and highlighted the urgent need for strategies to eradicate child labor. This study aimed to investigate national and international literature on child labor and gender differences in the context of the COVID-19 pandemic. A scoping review was conducted through a systematic search in four databases: the Virtual Health Library (BVS), Scopus, Scientific Electronic Library Online (SciELO), and PubMed, using the descriptors "child labor," "early work," "gender," and "gender identity," covering the period from 2020 to 2024. A total of 335 articles were identified, and after the selection process, conducted according to the Joanna Briggs Institute (JBI) guidelines, 18 studies were included in the review. Scientific production was predominantly concentrated in the Asian continent, followed by Africa, the Americas, and Europe. The findings indicate the persistence of a sexual division of child labor, with girls mainly engaged in domestic activities and boys in work performed in public spaces, as well as significant gaps in the literature regarding interseccional approaches that integrate gender, race, ethnicity, and social class, grounded in a critical and human rights-based perspective.

Keywords: Child Labor. Gender. COVID-19.

RESUMEN

El trabajo infantil es un problema global que involucra a niños, niñas y adolescentes en actividades laborales por debajo de la edad mínima legal establecida en cada país, lo que constituye una violación de derechos fundamentales y compromete su desarrollo integral. A nivel mundial, se estima que 152 millones de niños y niñas se encuentran en esta situación, incluidos 64 millones de niñas y 88 millones de niños. La pandemia de la COVID-19 puso de manifiesto brechas en los sistemas de protección infantil a nivel global y evidenció la necesidad urgente de estrategias para la erradicación del trabajo infantil. El objetivo de este estudio fue analizar la literatura nacional e internacional sobre el trabajo infantil y las diferencias de género a partir de la pandemia de la COVID-19. Se realizó una revisión de alcance mediante una búsqueda sistemática en cuatro bases de datos: Biblioteca Virtual en Salud (BVS), Scopus, Scientific Electronic Library Online (SciELO) y PubMed, utilizando los descriptores "child labor", "early work", "gender" y "gender identity", en el período de 2020 a 2024. Se identificaron un total de 335 artículos, de los cuales, tras el proceso de selección conforme a las directrices del Joanna Briggs Institute (JBI), se incluyeron 18 estudios. La producción científica se concentró mayoritariamente en el continente asiático, seguida por África, América y Europa. Los resultados indican la persistencia de una división sexual del trabajo infantil, con predominio de niñas en actividades domésticas y niños en trabajos realizados en espacios públicos, además de evidenciar



vacíos en la literatura respecto a enfoques interseccionales que integren género, raza, etnia y clase social, sustentados en una perspectiva crítica y de derechos humanos.

Palabras clave: Trabajo Infantil. Género. COVID-19.



1 INTRODUÇÃO

O trabalho infantil é um fenômeno global, uma problemática social e de saúde, caracterizado por toda ação laboral realizada por crianças e adolescentes abaixo da idade mínima permitida pela legislação de cada país, conforme a Convenção N.º 138 da Organização Internacional do Trabalho - OIT (Organização Internacional do Trabalho-OIT, 2018).

O trabalho infantil impede a vivência da infância e da adolescência de forma digna, por violar direitos humanos fundamentais como acesso à educação, à saúde, ao lazer e ao bem-estar social e afetar o seu desenvolvimento integral (Huyen, 2021; Keske; Rodembusch, 2021; Kaur; Byard, 2021; Pires *et al.*, 2022; Pumariiega *et al.*, 2022; Subrahmanian, 2023; Silva *et al.*, 2019; Wang *et al.*, 2024).

Na V Conferência Mundial sobre a Eliminação do Trabalho Infantil, que decorreu em Durban, África do Sul em 2022 (Organização das Nações Unidas - ONU 2024), as estimativas globais indicavam que 152 milhões de crianças, 64 milhões de meninas e 88 milhões de meninos trabalham, o que representa quase uma em cada 10 crianças em todo o mundo (Kaur; Byard, 2021). O trabalho infantil na Índia é mais prevalente do que em muitos outros países, com aproximadamente 10 milhões de crianças ativamente envolvidas ou à procura de trabalho (Kaur; Byard, 2021; Subrahmanian, 2023).

De acordo com Habib *et al.* (2024) a pandemia COVID-19 aumentou o trabalho infantil em todo o mundo, incluindo as piores formas de trabalho infantil. Ainda, os autores afirmam que os principais fatores de risco para o trabalho infantil neste período foram os desafios econômicos, o fechamento temporário de escolas, a maior demanda por trabalho infantil, mortalidade entre os pais e proteção social limitada.

O trabalho infantil está associado a impactos psicossociais complexos que se manifestam em tipos de trabalhos diferenciados, de acordo com o gênero da criança e adolescente, porém, verificou-se a existência de lacunas nas pesquisas sobre esta temática de forma aprofundada (Habib *et al.* 2024; Custódio; Kern, 2022).

Este artigo é resultante de uma revisão de escopo que foi realizada no período de setembro a dezembro de 2024, com objetivo de investigar na literatura nacional e internacional as publicações acerca do trabalho infantil e as diferenças de gênero, a partir da Pandemia.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de escopo conforme o manual do *Joanna Briggs Institute* (JBI), que segue as fases e recomendações do *checklist* com 21 itens do *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses* extensão para *Scoping Reviews* (PRISMA-ScR), para melhorar a qualidade das revisões, sistematização e escrita do trabalho. Este protocolo está registrado na plataforma *Open Science Framework* (OSF) (Peters, *et al.* 2015).

A questão da pesquisa “O que foi publicado na literatura científica nacional e internacional



acerca do trabalho infantil e as diferenças de gênero a partir da emergência da pandemia de COVID-19?” foi construída por meio da estratégia PCC (População, Conceito e Contexto) em que a População: crianças e adolescentes; Conceito: trabalho infantil e gênero; Contexto: a partir do início da pandemia de COVID-19). A escolha de uma pergunta ampla e aberta visa obter maior diversidade na produção científica sobre o tema.

Foi realizado recorte de tempo de publicação sendo este a partir da Pandemia da COVID-19. Os critérios de inclusão foram estudos primários originais publicados e com pesquisa realizada a partir de março de 2020 (emergência da pandemia de COVID-19), que abordem a temática do trabalho infantil sob a perspectiva das diferenças de gênero, com textos em português, inglês ou espanhol e realizados em qualquer país do mundo. Os critérios de exclusão foram estudos teóricos, revisões, editoriais, manuais, dissertações e teses, artigos originais que abordem o trabalho infantil sob outras perspectivas que não a de gênero.

Com a pergunta de pesquisa, foram selecionadas as seguintes palavras-chave: “*child labor*” OR “*early work*” AND “*gender*” OR “*gender identity*”. A chave utilizada na *PubMed* e adaptada para as outras bases foi esta: ((“gender”[All Fields] OR “gender identity”[All Fields]) AND (“child labor”[All Fields] OR “early work”[All Fields])) AND (2020:2024[pdat]).

As buscas foram realizadas nos meses de julho a agosto de 2024 na *Scopus Web Of Science*, *Scientific Electronic Library Online - Scielo*, *Pubmed/Medline* e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde - *Lilacs*, escolhidas pela abrangência e relevância na área da saúde. A literatura cinzenta foi explorada no *Google Scholar*, com análise dos 100 artigos dos primeiros trabalhos. Os materiais recuperados nas buscas foram exportados para o *Rayyan QCRI* para remoção de duplicatas e seleção dos artigos.

Duas pesquisadoras ¹realizaram a seleção de forma independente. Utilizou-se os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos com os seguintes passos: 1. Seleção por títulos; 2. Seleção por resumos; e 3. Seleção por leitura na íntegra. As referências citadas nos artigos selecionados foram verificadas para identificar novos estudos não localizados nas buscas. Os casos de divergências na inclusão ou exclusão foram deliberados em caráter final por um terceiro pesquisador.

Para extração utilizou-se planilha no *software* Excel com as seguintes informações: autoras/es, ano de publicação, revista, país da pesquisa, objetivo, delineamento do estudo, população analisada, forma de recrutamento das/os participantes, número de participantes, idade, ciclo de vida das/os participantes, ferramentas de coleta, período de coleta, principais resultados e principais conclusões. Duas pesquisadoras realizaram a extração de dados independentemente e após a comparação dos resultados obtidos, as divergências foram consensuadas.

Realizou-se análise temática de Clarke e Braun (2017) para organizar e analisar os materiais

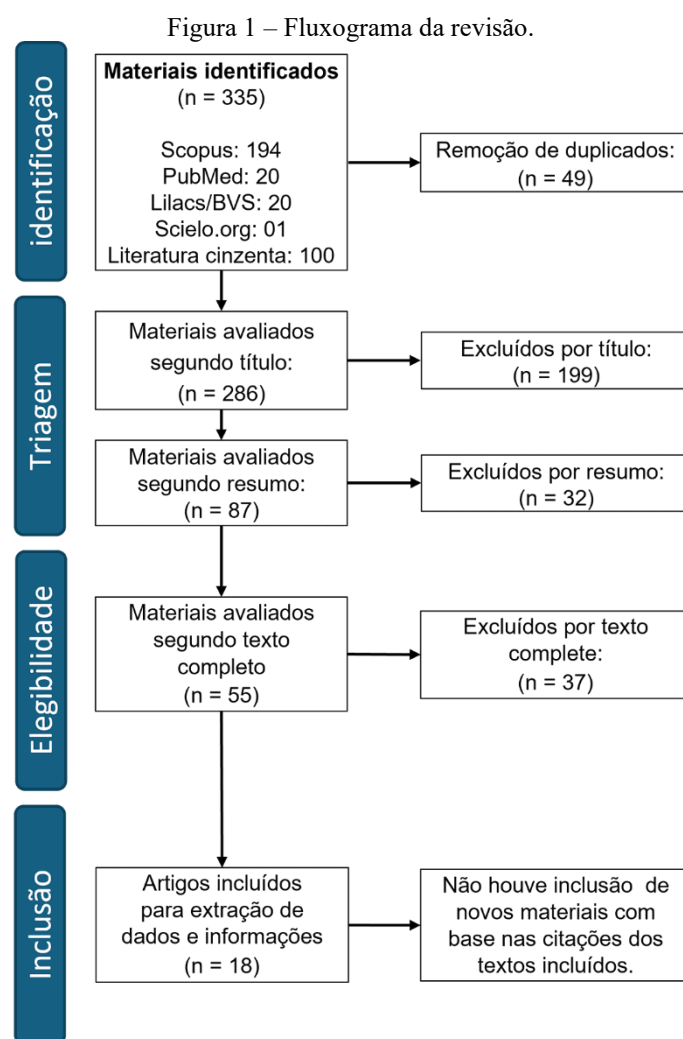
¹ Na pesquisa será utilizada a linguagem inclusiva e a linguagem no feminino quando se refere ao gênero feminino.



incluídos. Para identificação e descrição dos temas, levou-se em consideração os vínculos dos resultados dos estudos com base na pergunta da revisão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Um total de 335 artigos foram identificados nas bases de dados. Após a exclusão dos duplicados, restaram 286 para a seleção. De acordo com os critérios de inclusão propostos na análise dos títulos foram selecionados 87 materiais, na análise por resumos 55 e após a leitura integral dos estudos 18 foram incluídos na revisão. A figura 1 detalha o processo de seleção dos estudos.



Fonte: autoras, 2024.

A abrangência temporal dos estudos selecionados compreende o período de 2020 a 2024, sendo que a maioria dos artigos foram publicados no ano de 2023, com 5 artigos, seguidos de 2021 com 4 artigos e nos anos de 2020, 2022 e 2024, 3 artigos em cada ano.

A maioria dos estudos revisados foi conduzido no continente Asiático, com 10 estudos (Akram; Hassan; Shahzad, 2024; Bulgurcuoğlu; Atasü-Topcuoğlu, 2023; Ganguly; Goli; Sullivan, 2023; Habib *et al.*, 2021; [Haque](#); [Basher](#), 2023; Jajoria; Jata; Mishra, 2024; Kim *et al.* 2023; Kim; Olsen, 2023;



Pellenq; Lima; Gunn, 2022; Sahoo, 2021), seguido por cinco estudos na África (Adabor; Ayesu, 2024; Galdo; Dammert; Abebaw, 2021; Kechagia; Metaxas, 2020; Musizvingoza; Blagbrough; Pocock 2022; Sovacool, 2021), dois estudos na América (Custódio; Kern, 2022; Carrión-Yaguana; Meneses; Cruz Pazmiño, 2021) e um na Europa (Valls, 2020). Destaca-se a Índia como o país com mais estudos relacionados ao tema, totalizando cinco pesquisas (Ganguly; Goli; Sullivan, 2023; Jajoria; Jata; Mishra, 2024; Kim *et al.* 2023; Kim; Olsen, 2023; Sahoo, 2021), conforme ilustrado na figura 2.

Figura 2 - Ilustração representando o número de artigos selecionados para revisão, classificados por continentes de publicação.



Fonte: autoras, 2024.

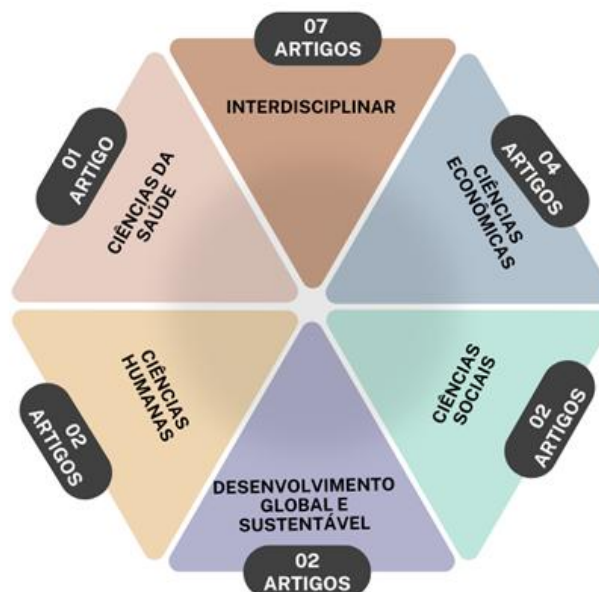
Referente ao público participante dos 18 estudos, foram crianças com faixa etária a partir dos cinco anos, adolescentes entre 12 e 18 anos, e familiares, apenas um estudo entrevistou especialistas e mineradores, sendo este da República Democrática do Congo no continente Africano (Sovacool, 2021).

Em relação ao tipo de estudo, três foram estudos estatísticos, dois estudos longitudinais, dois estudo bibliográfico e documental, dois estudo observacional, dois estudo de regressão logística binominal e multinominal, um estudo sociológico, um estudo fenomenológico, um estudo multinacional comparativo de saúde ocupacional, um estudo transversal, um modelo *bayesiano* de *poisson* para prever os riscos do trabalho infantil, uma Pesquisa de Cluster de Indicadores Múltiplos do Zimbábue (MICS) e uma Pesquisa experimental.

Os artigos foram publicados em periódicos de diversas áreas do conhecimento, com maior destaque para área interdisciplinar (n=7), ciências econômicas (n=4), ciências sociais (n=2) desenvolvimento global sustentável (n=2), ciências humanas (n=2) e saúde pública (n=1), conforme figura 3.



Figura 3 - Ilustração representando os periódicos de publicação dos artigos selecionados para revisão por áreas do conhecimento relacionadas.



Fonte: Autores (2024).

Os resultados foram organizados em quatro temas: características do trabalho infantil entre meninas; características do trabalho infantil entre meninos; desigualdades de gênero no trabalho infantil entre meninas e meninos; desafios para os enfrentamentos do trabalho infantil entre meninas e meninos e impactos da Pandemia da COVID-19. Para cada um deles fez-se a descrição dos achados gerais.

3.1 CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO INFANTIL ENTRE MENINAS

Para as crianças e adolescentes do gênero feminino, o trabalho infantil se apresenta de forma específica. Identificou-se que os níveis de renda mais baixos das famílias levam as meninas ao trabalho infantil (doméstico ou de mercado). Para as mais velhas, o pior era não trabalhar e nem ir à escola pois as adolescentes priorizam o trabalho em detrimento da educação ([Haque; Basher, 2023](#); Kechagia; Metaxas, 2020; Pellenq; Lima; Gunn., 2022).

Um estudo sociológico, que analisou o trabalho infantil no serviço doméstico em Barcelona de forma longitudinal, verificou que este foi impulsionado economicamente, onde a maioria dos trabalhadores infantis veio de famílias desfavorecidas, o serviço doméstico serviu como um recurso desesperado de sobrevivência, onde as meninas aprenderam habilidades domésticas com suas mães em casa como um treinamento para futuras funções domésticas (Valls, 2020). Deste modo, o gênero desempenhou um papel significativo na dinâmica do trabalho infantil.

As pesquisas apontam que as trabalhadoras domésticas infantis e as crianças casadas estavam envolvidas em tarefas domésticas tradicionais, como cozinhar, lavar pratos, limpar a casa ou lavar roupa ([Haque; Basher, 2023](#); Musizvingoza; Blagbrough; Pocock, 2022). Estas tendem a ser jovens, tal como as crianças casadas, a maioria tem entre 15 e 17 anos, consistiam principalmente de meninas



agregadas em famílias mais ricas e tiveram maiores dificuldades funcionais do que outros grupos de crianças e geralmente vinham com suas mães para trabalhar noutras famílias ([Haque](#); [Basher](#), 2023; Musizvingoza; Blagbrough; Pocock, 2022).

As crianças trabalhadoras domésticas do gênero feminino frequentemente têm deficiências funcionais, mas os sistemas de proteção infantil geralmente ignoram as crianças trabalhadoras domésticas e os filhos casados (Musizvingoza; Blagbrough; Pocock, 2022; Pellenq; Lima; Gunn, 2022).

Para além do ambiente doméstico, Custódio e Kern, (2022), ao estudar a participação de meninas no trabalho infantil no tráfico de drogas no Brasil e analisar questões de gênero neste contexto, confirmam que este fenômeno reflete a exclusão social e a desigualdade de gênero vivenciadas pelas mulheres na sociedade, pois as questões de gênero impactam significativamente o trabalho infantil no tráfico de drogas e as meninas enfrentam desafios únicos, como a violência de gênero, sexual e a submissão masculina na hierarquia de trabalho.

Sahoo (2021) e Jajoria, Jata e Mishra (2024) sinalizam que gênero e casta também influenciam a participação no trabalho infantil. Mas, Jajoria, Jata e Mishra (2024) observaram também um aumento das vulnerabilidades entre crianças de 2011 a 2019 na Índia, pois as tarefas domésticas entre as crianças aumentaram, especialmente para as meninas, sendo as crianças de castas e tribos programadas as mais vulneráveis.

A pesquisa de Ganguly, Galdo e Sullivan (2023) mostra que transição para um trabalho remunerado piora a saúde mental, especialmente para mulheres, o consumo de tabaco e álcool, a procura de empregos, a violência física dos pais e a filiação religiosa muçulmana (no caso de homens e mulheres), local de residência urbano e estado civil estão positivamente associados. As mulheres de seção socialmente desfavorecida (castas e tribos programadas) revelaram um escore mais alto em comparação com as outras castas.

No estudo de Jajoria, Jata e Mishra (2024) as áreas rurais representam mais de 77,5% da força de trabalho infantil. Para [Haque](#) e [Basher](#) (2023) as meninas enfrentam maiores riscos de trabalho doméstico nas áreas rurais. Kim e Olsen (2023) identificaram que as meninas na agricultura trabalham mais horas, de 15 a 17 anos trabalham em média 9,9 horas diárias.

A mineração de cobalto liga a escravidão moderna, o patriarcado e a expropriação a realidade do trabalho infantil, sendo que a insegurança de gênero afeta as mulheres de forma desproporcional na mineração, o trabalho infantil é predominante na mineração artesanal de cobalto (Sovacool, 2021). Na realidade das fábricas de tijolos no Afeganistão também existe uma proporção significativa da força de trabalho infantil feminina, que acumula múltiplas desvantagens de sobrecarga física e emocional (Pellenq; Lima; Gunn, 2022).

Carrión-Yaguana, Meneses e Cruz Pazmiño (2021) verificaram no contexto do Equador que



uma maior educação parental reduz a participação das crianças no mercado de trabalho. As meninas trabalham menos horas com o aumento da educação dos pais, mas a educação materna não afeta significativamente os resultados do trabalho infantil. Os fatores culturais influenciam a percepção do trabalho infantil como normal e as evidências apoiam as preferências de gênero no trabalho infantil no Equador.

A análise sobre o trabalho infantil feminino revela que está profundamente ligado a fatores econômicos, sociais e culturais, com meninas de famílias de baixa renda sendo levadas ao trabalho doméstico, frequentemente em condições precárias que afetam sua saúde física e mental ([Haque](#); [Basher](#), 2023; Kechagia; Metaxas, 2020; Musizvingoza; Blagbrough; Pocock, 2022; Pellenq; Lima; Gunn, 2022; Valls, 2020). O gênero e a casta amplificam a exploração, e, embora a educação parental ajude a reduzir a participação das meninas no trabalho, as normas culturais que perpetuam a desigualdade de gênero ainda mantém essa realidade (Carrión-Yaguana; Meneses; Cruz Pazminõ, 2021; Custódio; Kern, 2022; Ganguly; Galdo; Sullivan, 2023; Jajoria; Jata; Mishra, 2024; Kim; Olsen, 2023; Sahoo, 2021; Sovacool, 2021).

3.2 CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO INFANTIL ENTRE MENINOS

Musizvingoza, Blagbrough e Pocock (2022) apontaram que uma alta proporção de crianças no Zimbabué (62,4%) que trabalhava em atividades agrícolas, pelas quais eram ou não pagos, especialmente os meninos, que trabalhavam com produtos químicos, poeira, fumaça e carregando cargas pesadas. Neste contexto rural, os meninos trabalham muito mais horas em fazendas do que as meninas (Galdo; Dammert; Abebaw, 2021). Porém, [Haque](#) e [Basher](#) (2023) também observaram que meninos urbanos têm maior probabilidade de se envolver em trabalho infantil.

A diversidade étnica aumenta o trabalho infantil em Gana, o efeito é mais forte para crianças trabalhadoras do gênero masculino nas áreas rurais (Adabor; Ayesu, 2024). O trabalho informal medeia a relação entre diversidade étnica e trabalho infantil, os meninos muçulmanos não ascendentes trabalham por mais tempo, com 7,38 horas e existem um alto engajamento em tarefas domésticas encontrado entre homens indianos (Kim; Olsen, 2023).

O trabalho infantil e as masculinidades de jovens afegãos na Turquia foram estudadas por Bulgurcuoğlu e Atasü-Topcuoğlu (2023) que discutiram que a jornada migratória marca a transição da infância para a masculinidade e estes se envolvem em trabalho infantil e temem a deportação. Além disso, os autores supracitados citam que a consciência limitada dos direitos afeta suas condições de vida, as narrativas normalizam suas situações de vida precárias e refletem a cultura patriarcal e as estratégias de sobrevivência. O acesso a cuidados institucionais é mínimo para esses jovens, suas experiências desafiam o sistema internacional de refugiados.

Pellenq, Lima e Gunn (2022), em estudo realizado no Paquistão e Afeganistão referente aos



encargos e benefícios psicológicos em meninos e meninas trabalhadores, verificou que para os meninos, a pior situação é não ir à escola, independentemente de trabalharem ou não. Os meninos que não foram à escola mostraram níveis mais altos de emoções negativas do que os meninos que frequentam a escola.

Os achados destacam a prevalência significativa do trabalho infantil, com variações por contexto socioeconômico, gênero e território. Estas variações podem ser compreendidas por meio da Teoria Histórico-Cultural (Leontiev, 1978), que compreende que os indivíduos se tornam humanos ao adquirir habilidades e desenvolver funções psicológicas superiores por meio da interação com o meio cultural em que estão inseridos. Deste modo, a diversidade étnica é um fator que agrava a situação da “cultura do trabalho infantil” no mundo, manifestada de diferentes formas em cada contexto social (Franzoni Conde; Palhoza, 2021). Esses resultados evidenciam a complexidade das interações entre gênero, etnia, contexto socioeconômico e acesso a direitos.

3.3 DESIGUALDADES DE GÊNERO NO TRABALHO INFANTIL ENTRE MENINAS E MENINOS

No Zimbábue, Musizvingoza, Blagbrough e Pocock (2022) citam que trabalhadores domésticos infantis tiveram uma taxa de prevalência de 1,5%, mais adolescentes do que rapazes estão envolvidos em trabalho doméstico infantil. O estudo fornece a primeira análise interseccional de crianças trabalhadoras domésticas e concluem que as crianças trabalhadoras domésticas estão entre as crianças trabalhadoras menos visíveis.

No Paquistão e Afeganistão, estudos referentes aos efeitos psicológicos em meninos e meninas trabalhadores, identificaram que, para as meninas, a situação emocional é muito mais complexa, a de ser criança, a de ser trabalhadora e a de ser menina. Nestas, os escores de depressão foram maiores do que os dos meninos e as interações mais graves (Pellenq; Lima; Gunn, 2022).

Segundo Habib *et al.* (2021), um terço das crianças trabalhadoras relatou lesões relacionadas ao trabalho. Meninos relataram maiores taxas de lesões do que meninas. A frequência escolar está ligada ao aumento da notificação de lesões, atuando como um fator protetivo. Os homens estão envolvidos em tarefas agrícolas mais arriscadas do que as mulheres. E, as diferenças de gênero influenciaram os tipos de lesões e nos relatos.

O estudo de Kim *et al.* (2023) estabelece uma ligação entre normas e trabalho infantil, sendo que as normas sociais e de gênero afetam significativamente os riscos do trabalho infantil. As normas que apoiam o trabalho feminino reduzem os riscos do trabalho infantil, já as normas de reclusão estão associadas ao aumento do trabalho infantil, ou seja, as práticas de trabalho infantil variam de acordo com as normas sociais aceitas.

Kim e Olsen (2023) trazem como diferenças de gênero e grupo social afetam os padrões de



trabalho infantil. O trabalho doméstico afeta significativamente o bem-estar e a escolaridade das crianças e destacam a importancia de métodos de medição precisos são essenciais para entender o trabalho infantil. Musizvingoza, Blagbrough e Pocock (2022) apontam que, ao contrário dos homens, as mulheres vão trabalhar noutras famílias juntamente com os seus filhos.

A educação de baixa qualidade aumenta as chances de trabalho infantil, já uma maior educação parental reduz a probabilidade de trabalho infantil. As deficiências infantis diminuem a participação infantil no trabalho (Akram; Hassan; Shahzad, 2024). O comportamento não violento reduz os riscos de trabalho infantil. Homens têm maiores chances de trabalho infantil do que mulheres. Famílias mais ricas experimentam menores taxas de trabalho infantil. Fatores socioeconômicos influenciam significativamente a dinâmica do trabalho infantil. A desigualdade de gênero exacerba a prevalência do trabalho infantil.

Para Sahoo (2021) a pobreza é um determinante significativo do trabalho infantil, gênero e casta também influenciam a participação no trabalho infantil, os meninos se envolvem mais em empregos remunerados; as meninas no trabalho doméstico, as crianças de famílias de castas mais baixas participam mais do trabalho, o tamanho da família afeta a probabilidade de as crianças trabalharem e muitas crianças se dedicam ao trabalho doméstico sem educação.

Portanto, os estudos (Akram; Hassan; Shahzad, 2024; Habib *et al.*, 2021; Kim *et al.*, 2023; Kim; Olsen, 2023; Musizvingoza, Blagbrough; Pocock, 2022; Pellenq; Lima; Gunn, 2022; Sahoo, 2021) revelam que meninos e meninas enfrentam diferentes formas de trabalho infantil, influenciadas por fatores socioeconômicos, culturais e de gênero. Meninos estão mais envolvidos em trabalhos agrícolas e perigosos, com maior risco de lesões, enquanto meninas se destacam no trabalho doméstico, com impactos mais graves no bem-estar psicológico e educacional. Embora ambos os gêneros sofram com pobreza e baixa educação, as desigualdades de gênero intensificam as dificuldades das meninas.

3.4 DESAFIOS PARA OS ENFRENTAMENTOS DO TRABALHO INFANTIL ENTRE MENINAS E MENINOS E IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19

No estudo de Kechagia e Metaxas (2020) aponta-se que as entradas de Investimento Estrangeiro Direto (IED) têm efeitos mistos sobre o trabalho infantil de acordo com a realidade de cada país, sendo que em alguns contextos aumenta o trabalho infantil e em outros reduz. As diferenças de gênero no trabalho infantil relacionadas ao IED são limitadas, sendo a agricultura um setor bastante significativo para o trabalho infantil. Custódio e Kern (2022) também indicam uma falta de pesquisas sobre gênero e trabalho infantil e destacam a necessidade de diagnósticos locais sobre trabalho infantil.

Pellenq, Lima e Gunn (2022) identificaram que um ambiente escolar seguro e favorável é crucial na prevenção do trabalho infantil. Referente às questões de saúde mental, a escola teve um efeito protetor sobre a depressão apenas em crianças trabalhadoras mais novas. Adabor e Ayesu (2024)



verificaram que a educação dos pais reduz a participação no trabalho infantil. A pobreza familiar também medeia essa relação e a melhoria da renda familiar diminui a participação das crianças no mercado de trabalho.

Carrión-Yaguana, Menese e Pasmí (2021) concluíram que uma maior educação parental reduz a participação das crianças no mercado de trabalho, as meninas trabalham menos horas com o aumento da educação dos pais, já o horário de trabalho dos meninos não é afetado pelos níveis de educação dos pais. Enfrentar o trabalho infantil exige combater o casamento infantil e oportunizar o acesso à educação (Haque; Basher, 2023; Musizvingoza; Blagbrough; Pocock, 2022).

A pandemia aumentou a vulnerabilidade de crianças e adolescentes na Índia, principalmente de famílias mais pobres que recorreram ao trabalho infantil como estratégia de enfrentamento as dificuldades econômicas, onde crianças enfrentaram abusos e salários mais muitos baixos durante a pandemia (Jajoria; Jata; Mishra, 2024). Mas, a transformação das normas de gênero pode reduzir o trabalho infantil na Índia (Kim *et al.*, 2023).

A COVID-19 piorou as condições socioeconômicas dos refugiados sírios, isso levou ao fechamento de empresas e ao aumento do desemprego. As famílias lutaram para atender às necessidades básicas devido à hiperinflação, o que levou ao aumento de crianças forçadas ao trabalho de infantil, arriscando-se em condições perigosas (Habib *et al.*, 2021).

Akram, Hassan e Shahzad, (2024) apontam que as crises econômicas, incluindo pandemias, podem influenciar a prevalência do trabalho infantil, sendo que a crise da COVID-19 destaca lições para futuras crises climáticas.

A análise da relação entre gênero e trabalho infantil revelou tanto convergências quanto divergências nos achados e abordagens dos estudos. As convergências estão principalmente no reconhecimento de que o trabalho infantil é amplamente influenciado por fatores socioeconômicos, culturais e de gênero.

Nestas convergências, meninos e meninas enfrentam condições de trabalho prejudiciais à sua saúde física e mental, mas de formas distintas. Porém, os meninos estão mais frequentemente envolvidos em atividades agrícolas e perigosas, com maior incidência de lesões, enquanto meninas se destacam no trabalho doméstico, com impactos mais profundos no bem-estar psicológico e educacional. A pobreza, a baixa educação parental e as normas de gênero são fatores comuns que agravam a situação, tornando o trabalho infantil mais prevalente em contextos de vulnerabilidade.

No entanto, as divergências entre os estudos se manifestam em relação ao contexto específico e à forma como o gênero e outros fatores sociais interagem com o trabalho infantil. Enquanto alguns estudos destacam a maior vulnerabilidade das meninas, especialmente no contexto de trabalho doméstico e casamento infantil (Haque; Basher, 2023; Pellenq; Lima; Gunn, 2022), outros apontam que os meninos estão mais envolvidos em trabalhos perigosos, como a agricultura, o que resulta em



maior risco de lesões (Habib *et al.*, 2021; Musizvingoza; Blagbrough; Pocock, 2022).

Além disso, há divergências sobre os efeitos da educação parental e de intervenções, com alguns estudos sugerindo que a educação dos pais tem um efeito protetor mais forte para as meninas (Carrión-Yaguana; Meneses; Cruz Pazmiño, 2021), enquanto outros indicam que as condições econômicas e culturais da família têm um impacto mais significativo em ambos os gêneros (Akram; Hassan; Shahzad, 2024; Jajoria; Jata; Mishra, 2024).

Outro ponto de divergência é a influência das crises econômicas, como a pandemia de COVID-19. Alguns estudos indicam que a pandemia exacerbou o trabalho infantil, especialmente em contextos de pobreza (Jajoria; Jata; Mishra, 2024; Habib *et al.*, 2021), enquanto outros sugerem que as mudanças nas normas de gênero podem atenuar o problema em longo prazo (Kim *et al.*, 2023). Além disso, a análise das relações interseccionais, como casta e etnia, também revela variações, com alguns estudos mostrando que a desigualdade de gênero e casta agrava as condições de trabalho infantil (Sahoo, 2021; Jajoria; Jata; Mishra, 2024), enquanto outros se concentram mais na diferenciação entre as áreas rurais e urbanas (Kim; Olsen, 2023).

Em resumo, enquanto há um consenso sobre as condições precárias de trabalho infantil e seu impacto negativo, as abordagens e ênfases variam dependendo do contexto socioeconômico, cultural e de gênero, além da inserção das crises econômicas e a educação parental como fatores protetivos ou agravantes.

4 CONCLUSÃO

Esta revisão de escopo objetivou investigar na literatura nacional e internacional as publicações acerca do trabalho infantil e as diferenças de gênero, a partir da Pandemia da COVID-19. Os artigos revisados reforçam a importância de compreender o trabalho infantil e os determinantes de gênero, mas de forma interseccional com as condições sociais e normas culturais.

Dentre as principais contribuições desta revisão foi a caracterização do trabalho infantil e suas diferenças de gênero entre meninos e meninas. O trabalho infantil entre meninas é impulsionado por condições socioeconômicas desfavoráveis, com meninas de famílias de baixa renda ou de castas vulneráveis realizando tarefas domésticas para ajudar no sustento familiar. A falta de acesso à educação faz com que priorizem o trabalho em detrimento da escolarização. Além disso, enfrentam desafios únicos, como o trabalho doméstico em famílias mais ricas e a exclusão das redes de proteção social. O trabalho infantil feminino também ocorre em setores como mineração e tráfico de drogas, onde questões de gênero, como violência e submissão, agravam suas condições, especialmente em áreas rurais e na agricultura.

O trabalho infantil entre meninos é caracterizado por atividades agrícolas, com longas jornadas em condições adversas, incluindo o uso de produtos químicos. Meninos urbanos têm maior



probabilidade de se envolverem em trabalho infantil, e a diversidade étnica, como no caso de meninos muçulmanos, agrava essa situação. Em contextos migratórios, o trabalho infantil está ligado à transição para a masculinidade, refletindo a cultura patriarcal e dificuldades com direitos e acesso a cuidados. A falta de escolarização é um fator de risco significativo, com meninos fora da escola apresentando maiores níveis de emoções negativas.

As desigualdades de gênero no trabalho infantil são evidentes em vários contextos globais, com meninas frequentemente enfrentando condições mais difíceis do que meninos. Os estudos revelaram que meninas, além de enfrentarem as dificuldades do trabalho infantil, lidam com complicações emocionais mais complexas, como maior prevalência de depressão. Em contraste, meninos tendem a estar mais expostos a tarefas perigosas, como as agrícolas, o que resulta em mais lesões. As normas sociais e de gênero influenciam diretamente os tipos de trabalho infantil, com normas que favorecem o trabalho feminino podendo reduzir os riscos, enquanto aquelas que isolam as meninas aumentam sua vulnerabilidade.

A educação, tanto a das crianças quanto a dos pais, desempenha uma função protetiva para a redução do trabalho infantil, enquanto fatores socioeconômicos, como a pobreza e o tamanho da família, agravam a situação. As meninas são mais propensas a se envolver em trabalho doméstico não remunerado, afetando negativamente seu bem-estar e escolaridade.

O trabalho infantil é um fenômeno complexo e multifacetado, influenciado por fatores econômicos, sociais e culturais. A pandemia de COVID-19 exacerbou essas questões, colocando em evidência a necessidade de uma resposta integrada, que envolva a educação, a melhoria das condições de vida das famílias e uma revisão das normas sociais, incluindo as normas de gênero.

Os estudos apresentam importantes lacunas no aprofundamento das discussões teóricas sobre gênero e trabalho infantil, sob um viés histórico e social, significativamente restritas a métodos descritivos que abordam superficialmente as diferenças no trabalho infantil com base no gênero como variável sociodemográfica.

Nesse sentido, é recomendada a realização de novas pesquisas com abordagens interseccionais, que considerem diferentes contextos sociais e territoriais, a fim de gerar subsídios para a formulação e implementação de políticas públicas mais abrangentes e eficazes no enfrentamento e prevenção do trabalho infantil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UNIPLAC ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq pelo apoio e financiamento desta pesquisa pesquisadora e a pesquisadora Dinoraide Mota de Oliveira



Müller que participou como revisora na fase do processo duplo-cego de seleção dos artigos, embora não sejam responsáveis pelo conteúdo deste artigo.



REFERÊNCIAS

- ADABOR, O.; AYESU, E. K. Effect of ethnic diversity on child labor: Empirical evidence from Ghana. *Sustainable Development*. 2024, pages 1–16. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/sd.3092>, acesso em 20 ago. 2024.
- AKRAM, S.; HASSAN, M.U.; SHAHZAD, M.F. Factors Fuelling the Persistence of Child Labour: Evidence from Pakistan. *Child Ind Res* 17, 1771–1790, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12187-024-10141-6>, acesso 29 ago. 2024.
- AZUZ, F.; SHEYOPUTRI, A,C,A; AZUZ, F.H.; APRIYANTO, M.; SARI, M.Y.A.R.; SETYOWATI, D.L. Student as child labor in agriculture sector during pandemic Covid-19. *International Conference on Social, Economics, Business, and Education (ICSEBE 2021)*. (2022). Dodrecht: Atlantis Press.
- BRAUN V, CLARKE V, Weate P. Using thematic analysis in sport and exercise research. In: Smith B, Sparkes A, editors. *Routledge Handbook of Qualitative Research in Sport and Exercise*. New York: Routledge, p. 191-205, 2016.
- BULGURCUOĞLU, S. E.; ATASÜ-TOPCUOĞLU, R. The precarious lives and survival strategies of unaccompanied Afghan youth in Türkiye. *Asian and Pacific Migration Journal*. 2023, 32(4), 660-684. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/01171968241235238>, acesso em 28 ago. 2024.
- CARRIÓN-YAGUANA, V., MENESES, K.; CRUZ PAZMIÑO, E. Las preferencias de género en el trabajo infantil en Ecuador. *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies / Revue Canadienne Des Études Latino-Américaines et Caraïbes*. 2021, 46(2), 180–195. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08263663.2021.1882831>, acesso 29 ago. 2024.
- CLARKE, V.; BRAUN, V. Análise temática. *The Journal of Positive Psychology*. 12 (3), 297–298, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17439760.2016.1262613>, acesso em 10 jul. 2024.
- CUSTÓDIO, A. V.; KERN, M. T. O trabalho infantil no tráfico de drogas por meninas adolescentes. *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, v. 14, n. 2, p. 258-283, 25 jul. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.15175/1984-2503-202214205>, acesso em 22 ago. 2024.
- FAO. In-depth assessment of child labour in greenhouses in the Akkar and Mount Lebanon regions in Lebanon– Case study. Beirut: FAO (2022). Available at: <https://www.fao.org/policy-support/tools-and-publications/resources-details/en/c/1470033/>
- FRANZONI CONDE, S.; PALHOZA, N. “Não matou ninguém, mas deixou todo mundo meio torto”: trabalho, educação e infância desde a vitivinicultura de Videira, Santa Catarina, Brasil. *Revista Polyphonia*, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 59–75, 2021. DOI: 10.5216/rp.v32i2.70891. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/70891>. Acesso em: 25 jan. 2025.
- GALDO, J.; DAMMERT, A. C.; ABEBAW, D. Gender Bias in Agricultural Child Labor: Evidence from Survey Design Experiments. *The World Bank Economic Review*, Volume 35, Issue 4, November 2021, Pages 872–891, Disponível em: <https://doi.org/10.1093/wber/lhaa021>, acesso 29 ago. 2024.
- GANGULY, D.; GOLI, S.; SULLIVAN, O. Gender, Paid Work, and Mental Health of Adolescents and Young Adults in Resource-Poor Settings of India. *Child Ind Res* 16, 1137–1170, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12187-023-10009-1>, acesso 29 ago. 2024.



HABIB, R. R. et al. Child labor and associated risk factors in the wake of the COVID-19 pandemic: a scoping review. *Frontiers in Public Health*, [s. l.], v. 11, p. 1240988, 2024.

HABIB, R.R.; MIKATI, D.; AL-BARATHIE, J.; ABI YOUNES, E.; JAWAD, M.; EL ASMAR, K.; et al. Work-related injuries among Syrian refugee child workers in the Bekaa Valley of Lebanon: A gender-sensitive analysis. *PLoS ONE*. 2021 16(9): e 0257330. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0257330>, acesso 20 ago. 2024.

HAQUE, A.; BASHER, S. A. Gender roles, School Drop-Offs and Child Labor: Evidence from Bangladesh (March 26, 2023). Available at SSRN. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4400334>, acesso 20 ago. 2024.

JAJORIA, D.; JATAV, M.; MISHRA, R. Trends, patterns and socioeconomic determinants of child and adolescent labour in India: Empirical analysis using national sample survey data. *Journal of International Development*, 2024, vol. 36, issue 3, 1647-1674. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jid.3874>, acesso 20 ago. 2024.

KECHAGIA, P.; METAXAS, T. "FDI, child labor and gender issues in Sub – Saharan Africa: an empirical approach," MPRA -Munich Personal RePEc Archive, Paper 104311, University Library of Munich, Germany, 2020. Disponível em: <https://mpra.ub.uni-muenchen.de/104311>, acesso 20 ago. 2024.

KIM, J.; OLSEN, W. Harmful forms of child labour in India from a time-use perspective. *Development in Practice*, Taylor & Francis Journals, 2023, vol. 33(2), pages 190-204, February. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09614524.2022.2155620>, acesso 20 ago. 2024.

KIM, J.; OLSEN, W.; WIŚNIEWSKI, A. Predicting Child-Labour Risks by Norms in India. *WES - Work, Employment and Society*, 2023, 37(6), 1605-1626. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/09500170221091886>, acesso 20 ago. 2024.

LEONTIEV, A. O homem e a cultura. In: LEONTIEV, A. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Horizonte, 1978. p. 261-284. Disponível em: <https://bit.ly/2Ny4HUx>. Acesso em: 25 jan. 2025.

MUSIZVINGOZA, R.; BLAGBROUGH, J.; POCOCK, N.S. Are Child Domestic Workers Worse Off than Their Peers? Comparing Children in Domestic Work, Child Marriage, and Kinship Care with Biological Children of Household Heads: Evidence from Zimbabwe. *Int. J. Environ. Res. Public Health*. 2022, 19, 7405. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph19127405>, acesso em 20 ago. 2024.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT. Medir o progresso na Luta contra o Trabalho Infantil - Estimativas e tendências mundiais 2000-2012 / Bureau international do Trabalho, Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil (IPEC) - ISBN: 978-92-2-827182-9 (Web PDF). Genebra: OIT, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/Cliente/Downloads/wcms_221799.pdf, acesso em 19 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. Dia Mundial Contra o Trabalho Infantil destaca situação de 160 milhões de crianças. ONU. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/06/1833066> , acesso 9 de out. 2024.

PELLENQ, C; LIMA L; GUNN S. Education, Age and Gender: Critical Factors in Determining Interventions for Child Brick Workers in Pakistan and Afghanistan. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. 2022; 19(11): 6797. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph19116797>, acesso em 2 ago. 2024.



PETERS, M. D. J et al. The Joanna Briggs Institute reviewers' manual 2015: methodology for JBI scoping reviews. . Adelaide: The Joanna Briggs Institute. Disponível em: http://joannabriggs.org/assets/docs/sumari/Reviewers-Manual_Methodology-for-JBI-Scoping-Reviews_2015_v2.pdf. Acesso em: 04 nov. 2024.

RITZ, D; O'HARE G; BURGESS, M. The hidden impact of Covid-19 on child protection and wellbeing. London: Save the children international (2020). Disponível em: https://resourcecentre.savethechildren.net/pdf/the_hidden_impact_of_covid-19_on_child_poverty.pdf, acesso 9 out. 2024.

SAHOO, B.P. A sociological study of patterns and determinants of child labour in India. Journal of Children's Services. Vol. 16 No. 2, pp. 132-144, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/JCS-10-2020-0067>, acesso 29 ago. 2024.

SOVACOO, B. K. When subterranean slavery supports sustainability transitions? power, patriarchy, and child labor in artisanal Congolese cobalt mining. Extractive Industries and Society, 8 (1), pp. 271-293, (2021). Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.exis.2020.11.018>, acesso em: 4 set. 2024.

TANIKAWA, Lilian Mitsuko; FERREIRA, Sila Mary Rodrigues; RETONDARIO, Anabelle. Protocolo de revisão de escopo e revisão sistemática na área de alimentos. Visão Acadêmica, [s. l.], v. 22, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/academica/article/view/79568>. Acesso em: 9 out. 2024.

TRICCO, A.C; LILLIE, E.; ZARIN, W.; O'BRIEN K. K; COLQUHOUN H.; LEVAC D., et al. PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): checklist and explanation. Ann Intern Med. 2018;169(7):467-73.

VALLS, M. I. Trabajo infantil y género en el servicio doméstico barcelonés, 1792-1850. Arenal. Revista de historia de las mujeres, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 463–494, 2020. DOI: 10.30827/arenal.v27i2.6600. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/arenal/article/view/6600>, Acesso em: 4 set. 2024.

